

PIBID E FORMAÇÃO DOCENTE: VIVÊNCIAS DAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA COM A ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE CAJAZEIRAS/PB

Iranilda Xavier de Sousa¹
Maria Liliane de Sousa²
Maysa Ranyelle Vieira Gomes³
Natália Moreira Dias⁴
Giseliane Medeiros Lima⁵

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise das vivências de estudantes de Pedagogia participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola Estadual de Cajazeiras/PB, com foco nas experiências relacionadas ao processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa parte da necessidade de articular teoria e prática na formação docente, destacando como o PIBID tem se configurado como um espaço privilegiado para a construção de saberes pedagógicos e o desenvolvimento de um olhar crítico e sensível à realidade escolar. A investigação tem natureza qualitativa, fundamentada em observações, registros reflexivos e relatos das bolsistas. As experiências ocorreram em turmas do 2º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, permitindo identificar diferentes níveis de aprendizagem e desafios específicos do processo de alfabetização. Os dados foram analisados à luz de autores como, Freire (1996), Soares (2004), Soares e Batista (2005), Pino (2000) e Teberosky (1999), que contribuíram para a compreensão da alfabetização como um processo complexo, que vai além da simples decodificação de símbolos. As vivências evidenciaram a importância de metodologias diversificadas, da escuta ativa e do respeito ao ritmo de cada aluno, bem como a valorização da linguagem oral como base para o desenvolvimento da escrita. Constatou-se também que o envolvimento direto com a prática alfabetizadora possibilitou às pibidianas compreenderem os desafios do cotidiano escolar e refletir sobre sua futura atuação profissional. O contato com a realidade das salas de aula públicas fortaleceu a formação das participantes, aproximando-as da complexidade e da beleza que envolve ensinar a ler e escrever. Conclui-se que o PIBID tem papel fundamental na construção de uma formação docente mais crítica, reflexiva e comprometida com uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Formação docente, PIBID, Alfabetização, Escola pública, Prática pedagógica.

1 Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, iranilda.xavier@estudante.ufcg.edu.br;

2 Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, mliliane874@gmail.com

3 Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, maysaranyellevieiragomes@gmail.com

4 Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, nattimoreira879@gmail.com

5 Professora Adjunta do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Coordenadora de área do PIBID/Pedagogia. giseliane.medeiros@professor.ufcg.edu.br.



INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores tem-se cada vez mais a necessidade de articulação entre teoria e prática, permitindo ao licenciando não apenas os conteúdos pedagógicos, mas também a vivências das dinâmicas escolares. Nessa perspectiva, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tem se estabelecido como uma importante política pública de valorização e qualificação da formação docente, ao possibilitar a inserção dos discentes de licenciatura nas escolas públicas desde os primeiros períodos do curso.

A alfabetização é uma das etapas mais complexas e fundamentais do processo educativo, ela exige práticas pedagógicas planejadas, intencionais e condizentes com a realidade dos estudantes. Adentradas nesse contexto, as ações do (PIBID) em uma escola estadual do município de Cajazeiras/PB, têm, possibilitado as pibidianas do curso de Pedagogia experiências expressivas no acompanhamento e desenvolvimento das práticas alfabetizadoras, contribuindo para a ampliação de saberes docentes e para a construção de um olhar mais crítico e reflexivo sobre a educação básica.

Diante disso, este trabalho justifica-se pela necessidade de reforçar a importância dessa relação que é de grande relevância para nossa formação, que não é apenas desejável, mas necessária para que como futuras docentes compreendemos a complexidade da sala de aula, desenvolva um olhar sensível a realidade educacional e aprender a tomar decisões fundamentadas e conscientes. Nesse sentido, vivenciar a escola como campo de formação e reflexão torna-se um elemento crucial na trajetória profissional do professor em formação.

METODOLOGIA

Este trabalho, é de natureza qualitativa, tem como objetivo analisar as vivências formativas das estudantes de Pedagogia vinculadas ao Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), destacando os impactos dessa experiência na construção de saberes docentes com relação à alfabetização. A metodologia adotada baseia-se em relatos de experiências, registros reflexivos, observações em sala de aula e diálogos entre as participantes do projeto.

Para a construção do referencial teórico, foram descritos os relatos das vivências cotidianas das participantes do PIBID, bem como foram analisadas produções acadêmicas, como artigos de autores clássicos e contemporâneos que reforçam os impactos dessa

experiência na construção de saberes docentes relacionados à alfabetização. Os autores das produções utilizadas como aporte teórico foram: Vygotsky (1989); Soares e Batista (2005); Teberosky (1999); Freire (1989); Pino (2000). A seleção dos materiais considerou a relevância teórica e a contribuição do contato direto com a alfabetização desde o processo de formação inicial.

As fontes foram examinadas por meio de leitura crítica e interpretativa, com o objetivo de identificar conceitos, argumentos e evidências que sustentam a importância da inserção na sala de aula, e o contato da prática com a alfabetização. Dessa forma, buscou-se construir uma reflexão fundamentada que dialoga com a realidade educacional contemporânea e evidencia os desafios e as potencialidades dos estudantes no cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Vivências e experiências durante o processo de alfabetização em uma turma de 2º ano.

Ao longo desta temática, serão abordadas as situações propiciadas pelo PIBID a uma estudante de graduação em Pedagogia, enriquecendo a formação docente e proporcionando momentos únicos e assertivos, repletos de conhecimentos que relacionam teoria e prática.

De antemão, gostaria de começar destacando que o principal objetivo da educação nos Anos Iniciais, especialmente no 1º e 2º anos, é a alfabetização. Por isso, é fundamental que as crianças nessas séries desenvolvam habilidades básicas que vão acompanhá-las ao longo de toda essa fase escolar. No entanto, na prática, percebemos que nem sempre isso acontece como esperado, e muitas vezes essa situação pode prejudicar o percurso escolar de diversos estudantes. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramento (Brasil, 2018, p.55)

Atualmente, muitas pessoas que não trabalham diretamente na escola acham que o processo de alfabetização é algo simples. Mas, ao vivenciar o PIBID, percebemos que auxiliar uma criança no processo de alfabetização é um desafio para qualquer professor, porque cada criança é única e tem suas próprias características ao longo do aprendizado. Muitas vezes, o

sistema acaba moldando tanto os professores quanto os alunos, deixando tudo mais padronizado.

De acordo com Magda Soares e Antônio Batista, “A escrita é, assim, um sistema de representação da linguagem verbal. (Soares e Batista, 2005, p. 19)”. Com base nessa ideia, podemos entender que o processo de escrever é uma forma de reproduzir o que falamos no dia a dia. No entanto, na prática escolar, muitas vezes encontramos um ensino bastante rígido e estruturado. Cada criança tem uma variedade de formas de falar, mas todas acabam sendo colocadas dentro de um padrão único. Isso faz com que elas tenham dificuldades em relacionar os sons da fala com a maneira correta de escrever as palavras, ou seja, há uma confusão entre o som das palavras e a sua escrita, os grafemas e fonemas.

Por isso, é importante que todos nós, que somos futuros professores, busquemos formas diferentes de ensinar, de modo que o aprendizado seja acessível a todos, e não apenas de uma maneira rígida que só alguns estudantes conseguem acompanhar. Segundo Vigotski (1989, citado por Pino, 2000, p. 65), "Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros". Essa frase nos ajuda a entender o quanto somos importantes na vida dos alunos que passam pelas nossas salas de aula e o impacto que temos no processo de alfabetização deles.

Devemos lembrar que o processo de alfabetização vai além de ensinar a escrever e ler palavras. A partir dele, podemos criar oportunidades para ampliar o universo de conhecimentos dos estudantes, promovendo novas formas de aprender. Um exemplo disso é a alfabetização científica, entre outros, que enriquece ainda mais esse aprendizado.

Portanto, não devemos pensar no processo de alfabetização como algo simples e linear, mas sim, como algo desafiador na vida de todos os educadores. A realidade vivenciada no PIBID, proporciona uma nova perspectiva de educação na vida dos discentes que participam desse projeto e principalmente de todos nós que podemos vivenciar e contribuir com as práticas de alfabetização em escolas públicas, no município de Cajazeiras-PB.

Vivências e experiências durante o processo de alfabetização em uma turma de 4º ano.

Este ponto discorre sobre as experiências vivenciadas na turma do 4º ano do Ensino Fundamental, turno vespertino, em escola do sertão paraibano, município de Cajazeiras-PB. Ressalta-se o primeiro contato com crianças, que sempre se mostraram atentas e participativas, curiosas e desejosas de aprender, característica atualmente rara, possivelmente devido ao excesso de exposição a telas ou à baixa motivação. Alfabetizar transcende o mero ensino da junção de sílabas; implica o desenvolvimento do pensamento crítico, a ampliação



da perspectiva sobre o mundo e a formação de indivíduos capazes de transformar sua realidade. Conforme Freire (1989, p. 11) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”

A maneira de entender o que é ser alfabetizado passou por mudanças significativas ao longo dos anos. Segundo Soares e Batista (2005, p. 47), não é suficiente que uma pessoa apenas tenha a capacidade de ler e escrever de forma automática; é essencial que consiga utilizar essas competências em contextos sociais práticos. Essa nova visão mostra uma mudança importante, em vez de focar só na parte técnica de aprender a ler e escrever, passa-se a valorizar o uso da escrita em situações reais do dia a dia.

A experiência no PIBID revelou a importância dessas abordagens. Durante as observações e intervenções com as crianças, percebeu-se que muitos já estavam familiarizados com a combinação de letras e sons, porém ainda tinham dificuldades ao aplicarem a escrita em situações significativas, como ao criar uma história, ler e interpretar textos ou resolver atividades que apresentavam enunciados mais elaborados. Essa vivência mostrou a importância de colocar em prática atividades que não se limitem apenas ao ensino técnico da escrita, mas que também incentivem os alunos a usar a linguagem de forma funcional, em diferentes realidades enfrentadas na rotina escolar.

Segundo Soares (1988, p.10):

[...] as crianças, além de se permitirem escrever palavras “não treinadas”, construindo e experimentando hipóteses sobre as correspondências fonema/letra, utilizam a escrita com as funções pessoal e interacional: expressam seus sentimentos, interagem com a professora. Demonstrem ter da escrita um conceito adequado: um meio de chegar a um interlocutor ausente e de atingir um objetivo pessoal de interação.

Durante as atividades com as crianças do 4º ano, foi possível perceber que muitos alunos já mostram uma certa autonomia na escrita, mesmo quando arriscam escrever palavras que ainda estão aprendendo. Em várias ocasiões, eles usam a escrita não só para reproduzir o conteúdo da escola, mas também como uma maneira de expressar-se e interagir com os colegas. Cartinhas, bilhetes e recados para a professora ou para os amigos se tornaram formas naturais de comunicação no dia a dia da sala de aula.

Por isso, aprender a ler e escrever é um processo que acontece aos poucos, onde cada nova conquista se soma às anteriores, formando um todo. Quando uma criança escreve um





bilhete ou lê um aviso na escola, ela está colocando em prática tudo o que já aprendeu, como montar as palavras, entender o significado do que está escrito e para que aquilo serve. Isso reforça o que Soares (2020, p. 19) destaca: aprender a ler e escrever depende de várias aprendizagens que se conectam e fazem sentido quando estão relacionadas ao nosso dia a dia e às situações reais em que usamos a escrita.

Ensinar vai muito além de simplesmente explicar conteúdos ou pedir que as crianças copiem algo. Muitas vezes, quando oferecemos atividades mais livres, como escrever um pequeno texto sobre algo que gostem ou resolver um problema do dia a dia, as crianças se mostram mais interessadas e participativas. Isso confirma o que Paulo Freire expressava “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”. Ao dar espaço para que eles pensem, formulem hipóteses e participem ativamente, estamos tornando o aprendizado mais relevante e com sentido para a vida dos mesmos. Soares (1986, p.21) afirma que:

não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse capaz apenas de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito.

Portanto, observa-se que diversas crianças já conseguem combinar letras para formar palavras, mas isso não implica que estejam totalmente alfabetizadas. Alguns ainda enfrentam dificuldades para interpretar o que leem ou para estruturar suas ideias ao escrever. Essa situação evidencia que a habilidade de ler e escrever abrange mais do que simplesmente reconhecer palavras; é necessário entender o que se lê e expressar-se de forma clara ao escrever. Portanto, é fundamental proporcionar experiências nas quais os estudantes utilizem leitura e escrita de maneira significativa, em contextos reais, para que desenvolvam não apenas a técnica, mas também um uso consciente da linguagem em sua rotina.

Vivências e experiências durante o processo de alfabetização em uma turma de 5º ano

Primordialmente, destaca-se que pretendemos abordar neste tópico sobre as experiências/vivências de uma discente integrante do PIBID, em uma turma de 5º ano, de uma rede estadual de ensino, localizada na cidade de Cajazeiras. Nesta perspectiva, no período de realização dos plantões pedagógicos percebi que um grande percentual da turma



tem um nível de compreensão e interpretação abaixo do esperado para a turma. Compreendendo isto, o presente artigo tem como foco o processo de alfabetização. Seguindo tal lógica, "a alfabetização é um processo que vai além do simples domínio da leitura e da escrita, envolvendo a construção de significados." (Soares, 2004, p. 15). Em outras palavras, o processo de alfabetização vai além da linguagem oral e da linguagem escrita.

Sob tal lógica, "a leitura crítica da realidade é um dos primeiros passos para a transformação social." (Freire, 1989, p. 28). Em outros termos, o ato de ler criticamente, exige a busca pelo entendimento daquilo que o autor/a pretende comunicar, e através desta informação gerar minha própria compreensão crítica e reflexiva daquela realidade. Nesse sentido, esta linguagem crítica ainda é um impasse levando em consideração o contexto em que a turma de 5º ano se encontra, com um número considerável de crianças que não tem o hábito por leitura e consequentemente tem uma escrita defasada, isto significa que "a linguagem oral é a base sobre a qual se constrói a linguagem escrita; entender essa relação é crucial para uma alfabetização eficaz." (Teberosky, 1999, p. 89). Sendo assim, para termos um melhor aprendizado é necessário considerar a linguagem oral e escrita, mas também a compreensão de contextos sociais e culturais em que a pessoa está inserida, principalmente porque a composição das salas de aula é heterogênea e não homogênea. Em outras palavras, assim como afirmou Freire (1989) devemos ser mediadores e ajudar as nossas crianças a desenvolver essa consciência crítica e exercitar sua curiosidade.

Desse modo, "as crianças passam por diferentes fases de compreensão da escrita, e cada uma delas exige abordagens pedagógicas específicas." (Teberosky, 1999, p. 67). Pensando nisso, primeiramente é preciso identificar em qual nível de leitura e escrita o discente se encontra para que posteriormente possa-se aplicar a devida abordagem que vise o aprimoramento do conteúdo que a criança já tem concretizado, levando em consideração que cada criança é única. Isto é algo visível na turma de 5º ano, a divergência de níveis de leitura e escrita que encontramos. Sendo assim, em consonância com Freire (1989) é preciso entender o contexto em que a criança está inserida, isto é "a alfabetização é uma construção social e individual que envolve a interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento." (Teberosky, 1999, p. 23). Em vista disso, envolve uma entrega do envolvido com o objeto a ser descoberto. Nesta perspectiva, "o professor deve atuar como mediador, criando condições para que os alunos desenvolvam suas competências linguísticas de forma crítica." (Soares, 2004, p. 42). Lembrando que ler e escrever carregam uma relação intrínseca.

Para finalizar, como podemos compreender o processo de alfabetização envolve muitas questões. Por este viés, levando em consideração a turma de 5º ano, as principais abordagens





utilizadas para auxiliar aqueles/as que estão com mais dificuldades nos aspectos que envolvem leitura e escrita, está sendo tentar aguçar o hábito pela leitura como também aprimorar a escrita através de pequenas produções textuais de forma recorrente, visando justamente esta compreensão crítica, mas não é uma tarefa fácil pois é perceptível que um grande percentual de discentes não têm o hábito de leitura em casa, o que acaba dificultando os processos posteriores de aprendizagem. Ainda nesta perspectiva, "é fundamental que as metodologias de ensino sejam diversificadas, respeitando o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada aluno." (Soares, 2004, p. 58). Em consonância com Freire (1989) a alfabetização deve levar em consideração o processo de reflexão sobre a prática, isto é, como profissionais da educação devemos ser conscientes do nosso inacabamento e estar em constante reflexão sobre nossa prática, pois segundo Teberosky (1999) é refletindo diariamente sobre nossa prática que podemos compreender os processos de aprendizagens das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primordialmente, destacamos que abordamos nesta seção sobre as experiências/vivências de discentes integrantes do PIBID, nas turmas de 2º, 4º e 5º ano, de uma rede estadual de ensino, localizada na cidade de Cajazeiras. Seguindo esta lógica, fica perceptível que um grande percentual de discentes das turmas tem um nível de compreensão e interpretação abaixo do esperado para as turmas.

Neste contexto, e abordando exclusivamente a turma de 5º ano, destaca-se um número considerável de crianças que não tem o hábito por leitura e consequentemente tem uma escrita defasada, assim como afirmou Teberosky (1999) a linguagem oral é a base sobre a qual devemos construir a linguagem escrita, por isso, para ter uma alfabetização eficaz é necessário compreender essa relação crucial. Também é visível na turma a divergência de níveis de leitura e escrita que encontramos. Sendo assim, em consonância com Freire (1989) é preciso entender o contexto em que a criança está inserida, portanto segundo Soares (2004) destaca-se o papel importante do professor atuar como mediador, criando condições para que os alunos desenvolvam suas competências linguísticas criticamente.

Por este viés, as principais abordagens utilizadas para auxiliar aqueles/as que estão com mais dificuldades nos aspectos que envolvem leitura e escrita, estamos buscando aguçar o hábito pela leitura como também aprimorar a escrita através de pequenas produções textuais de forma recorrente, visando justamente esta compreensão crítica, mas não é uma tarefa fácil, pois como foi citado anteriormente, um grande percentual de discentes não têm o hábito de





leitura em casa, o que acaba dificultando os processos posteriores de aprendizagem. Em suma, e em consonância com Freire (1989) e Soares (2004) é preciso sermos conscientes do nosso inacabamento e respeitar o ritmo de aprendizagem de cada discente, assim como também refletir diariamente sobre nossa prática.

Durante as experiências que tivemos no PIBID, percebemos que, no começo, metade da turma do segundo ano não tinha habilidades de leitura, nem mesmo fazendo o reconhecimento de pequenas palavras. No entanto, com o passar do tempo, foi possível notar que a maioria dos estudantes já consegue ler e escrever pequenos textos. Isso é muito importante para o nosso crescimento acadêmico e também para o desenvolvimento dos estudantes da educação básica. Como Vygotsky (1989) explica, nos tornamos nós mesmos a partir da interação com os outros, ou seja, nossas experiências com outras pessoas moldam nossa identidade e nossa formação profissional. O processo de alfabetização não acontece apenas por meio da linguagem escrita. Segundo Soares e Batista (2005), "a linguagem verbal se realiza por meio dos signos linguísticos", ou seja, ela envolve a relação entre escrita e fala, que não se limita à escola, mas nos acompanha ao longo de toda a vida, sendo de fundamental relevância nas nossas relações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o tema abordado, o objetivo e as pesquisas que foram realizadas para a produção deste artigo, podemos concluir que, a vivência no âmbito do PIBID, por meio da atuação em turmas de 2º, 4º, 5º ano do Ensino fundamental reafirma a relevância da prática pedagógica como eixo central na formação inicial de professores. Ao aproximar estudantes de Pedagogia da realidade concreta da escola pública, o programa permitiu não apenas o exercício do que foi aprendido teoricamente na universidade, mas também a construção de novos saberes a partir do cotidiano da sala de aula.

As vivências com os processos de alfabetização e letramento mostraram-se desafiadoras, mas profundamente formativas. Elas possibilitaram uma compreensão mais ampla sobre o desenvolvimento da aprendizagem nos diferentes anos escolares, ao mesmo tempo em que fortaleceram o olhar crítico e reflexivo das pibidianas sobre as práticas pedagógicas, as condições de ensino e os caminhos possíveis para uma educação mais significativa.

Dessa forma, concluímos que iniciativas como o PIBID são fundamentais para consolidar uma formação docente comprometida com a qualidade da educação pública. A articulação entre teoria e prática, vivenciada de forma intensa e colaborativa, contribui para o





desenvolvimento de professores mais preparados, conscientes de seu papel social e capazes de atuar com sensibilidade, responsabilidade e competência nas diversas realidades educacionais do país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2022. Escrito em 1996.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Lev S. Vygotsky. Educação e Sociedade, Campinas, n. 71, 2000.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a perspectiva do ensino**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**. Caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005 (Coleção Alfabetização e Letramento, Caderno 1)

SOARES, Magda; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. 12. ed. São Paulo: Autêntica, 2017.

TEBEROSKY, Ana. **A construção do conhecimento na alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.



